OBSERVAÇÕES
ÁS
REFLEXÕES
OFFERECIDAS
AOS
DEPUTADOS.

OBSERVAÇÕES

Á S

R E F L E X Õ E S

O F F E R E C I D A S

A O S

D E P U T A D O S

P O R

H U M A D V O G A D O

D A

L A V O U R A E C O M M E R C I O.

Constitucional Bahiense.

B A H I A:

NA TYP. DA VIUVA SERVA, E CARVALHO.

Com Licença da Commissão da Censura.

OBSERVAÇÕES Á'S REFLEXÕES.

A Liberdade da imprensa he o principio donde dimana o aperfeiçoamento de hum Povo; ella he a pedra de polir tudo quanto o nosso entendimento alcança; pela mesma o homem faz conhecer os seus pensamentos, e examina os dos outros, analisando-os como entende; sendo os nossos pensamentos como os diamantes que só se deixão pulir por outros diamantes; eu avanço taes proposições na persuasão de serem boas, outro as debate na persuasão de serem más, hum terceiro as examina; e assim gradualmente se vai esclarecendo a verdade.

A curiosidade me fez ler as reflexões offerecidas aos Deputados desta Provincia por hum advogado da Lavoura e Commercio e a mesma me fez ir notando o que achei de bom, e de máo segundo a minha razão, e como pela imprensa se espalharão estas reflexões, pelo mesmo vehiculo vão as minhas observações; haverá hum terceiro talvez que nos examine a ambos, e assim vamos

dando que fazer á imprensa e incitando pessoas de mais conhecimentos a esclarecer muitas verdades que andão misturadas com erros, e que só huma depurada critica as fará apparecer taes quaes são e não como parecem. Desde já rogo ao Autor das taes reflexões não tome estas minhas observações como nascidas de hum espirito de contradição, ou de inveja das suas luzes, eu farei em todas ellas por aproximar-me á polidez com que todos os Cidadãos mutuamente se devem tratar, pois com historetas e improperios não he que se faz apparecer a verdade; mas sim dando razões ou mais fortes, ou mais fracas, seguindo sempre a marcha do entendimento humano.

Lembra-me ter lido nas fabulas de La Fontaine, entre outras huma de hum Lobo, que vestio o cazacão de hum Pastor, e encostado ao seu bordão marchava deste modo disfarçado para destruir algumas rezes, mas sendo conhecido ainda a tempo pelos guardadores do lanigero rebanho, este he perservado; o A. das reflexões caminha com o mesmo disfarce com mão sagaz a lançar alguns principios erroneos entre as diversas classes de Cidadãos sendo o seu fim occulto o propagar este, = o Brazil não precisa de nada =; assentando que as Nações podem gozar de huma perfeita independencia; a extenção do tal principio he por consequencia que o Brazil não precisa de Portugal, o que até certo ponto he verdade, o Brazil não precisa de Portugal, mas precisa de outras nações; Portugal não precisa do Brazil, mas precisa igualmente de outros Paizes, o que resta he vermos que conta faz a ambos a sua união; vamos a ver.

Não

Não quero fallar do direito que tem Portugal ao Brazil como parte integrante da Nação, ou do direito que tem o Brazil a Portugal como sendo a sua população delle dimanada, pois fallando francamente não me consta que os indigenus passasem Procurações aos Portuguezes Europeos ou Americanos, e o direito que ha de Senhorio ao Territorio parece-me ser o mesmo; se he justo ou injusto he commum o direiro, porém eu quero olhar esta união só pela face das relações sociaes.

Ambos os Paizes, professando a mesma religião, bebendo o mesmo leite, educados pelos mesmos principios, tendo as mesmas precisões a satisfazer, ligados por tudo quanto ha de mais sagrado sobre a terra, iguaes no soffrimento do Despotismo assim como na doçura da liberdade, e até tendo mais a favor producções territoriaes differentes para mutuamente trocarmos, não sei que mais seja preciso, para a mutua combinação de vontades.

Que nação nos merece reunidas tantas vantagens? Em hum seculo em que vemos os Estados-Unidos ambicionar hum pequeno canto na Europa e visa-versa a Russia ardendo em desejos de ter possessões na America, nós que temos tudo, e em ambas as Partes os melhores climas, não estamos satisfeitos; ah! não sejamos como os meninos que chorão por qualquer objecto, em quanto o não pilhão no seu puder, e tendo-o, o despedação e inutilisão; mas esta rivalidade entre Europeos, e Americanos, nos dizem os espiritos fraços; ora vão illudir espiritos do seu calibre;

es-

esta mesma rivalidade não a ha entre as Provincias de Portugal? Não a ha nos diversos bairros de Lisboa?

Os homens sempre victimas dos seus prejuizos se paresem huns com os outros em todos os seculos.

A falta de educação he o manancial destas rivalidades, o Cidadão bem educado olha para o homem probo, virtuoso, e moral, e não lhe pergunta donde he, lembrando-se que a Patria do Sabio he todo o mundo.

O Sabio Autor das reflexões he natural as fizesse com muito bom espirito, mas as opiniões dos homens deversificão, e eu com franqueza direi o que penso das suas proposições.

Principia por engrandecer a liberdade do Commercio e o Governo Constitucional, e desenvolve os bens, de huma e outra cousa; eu me lisongeio de ser nisto o seu Apologista; tudo quanto he liberdade regrada pela Lei me encanta; que a concurrencia dos vendedores e compradores, faz subir os generos de exportação e descer os de importação, he verdade a toda a prova; mas que as proporções que o A. faz das safras de 1808 com as de 1820 não he só devida aos Portos francos, tambem he verdade; pois a safra de 1808 comparada com a de alguns annos anteriores, faz huma differença consideravel para menos, a causa primaria dos seus augmentos he que as Nações nos seus crescimentos, são como os mancebos que a pezar de faltos do sustento preciso, vão sempre no seu crescimento, e porque? Porque he de sua natureza o crescer até certo ponto; o Brasil na infancia de necessidade ha de hir crescendo progressi-

sivamente e embora elle estivesse no estado de Colonia (o que de todo o meu coração não desejo.)

Todas as Nações civilizadas admittem Negociantes estrangeiros, mas todas as Nações distinguem os seus, sem ser preciso fixar privilegios que sejão pezados ás outras classes da Nação, nesta parte de Administração commercial, a pezar dos Despotismos do antigo governo nunca o Negociante Portuguez, foi oppressor, antes sim sempre foi o opprimido, os seus privilegios os mais modernos, erão pagar 16 por 100, e os Inglezes 15; pagar de huma Provincia a outra do Brasil como inda hoje pagão 25 por 100, eis-aqui o modo; carrego louça, amarração &c., fabricada nesta Provincia, pago 10 por 100 de sahida, chega na outra, paga 15 por 100 de entrada, faz 25; mandão os Inglezes vir iguaes generos do seu Paiz, pagão 15; que inconsequencia!!

Todo o arrazoado que o digno A. faz sobre os negociantes, já chamando-lhes corretores, já monopolistas, já caracterisando-os com o que parece á sua razão, he injusto; desça a profundeza das causas que originarão a decadencia do Commercio Portuguez, e chore a sorte daquelles que com deshumanidade e falta de conhecimento de causa ludibria, pergunte a todas as classes, quem he que fornecia o seu sustento, e luxo antes e depois dos Portos francos, ellas lhes dirão, a Agricultura e Commercio combinados.

Diz o A. as praças do Brasil, sempre forão crédoras ás de Portugal, ora isto não me parece o arrazoado de hum homem justo; este sempre merece que eu lhe diga, que todos os Negociantes

tes que estavão estabelecidos no Brasil, antes da chedo Rei, erão interessados com negociantes de Lisboa e Porto, e sempre tinhão daquellas Praças em seu poder mais fundos do que os que remettião, apello para arbitros: sendo pela mesma parte a maça dos Negociantes daquelle tempo existentes nas Praças mencionadas pelo A. Se a lavoura naquelle tempo devia aos Negociantes, agora tambem deve, não tanto; a razão he bem conhecida; tem augmentado os rendimentos Agricolos, e tem demenuido a somma do valor das fazendas; e o destroço que tem tido o Commercio junto ao impolitico privilegio concedido aos proprietarios dos Engenhos não são pequenas causas para os Commerciantes não fazerem adiantamentos como fazião.

O A. quer que o Brasil seja nação puramente Agricola; eu até certo ponto concordo com elle. Que Nação mais feliz do que aquella que tivesse huma boa agricultura, combinada com aquellas artes, e manufacturas de pura necessidade; que fizesse só o seu commercio interior e quando muito de cabotage? Mas por outro lado observo a posição Geografica do Brasil; que no caso de huma guerra precisa de Esquadra, e esta não se tem sem Marinha mercante, e assim como esta não póde existir sem a propagação da pesca, assim aquella não póde vivificar sem o augmento da outra; o modo melhor de conservar a Paz, he estar prompto para fazer a guerra; se as mais nações lhes faz conta trazer os seus generos ao nosso mercado, e levar os nossos productos; porque não havemos nós levar os nossos

pro-

productos ao seu mercado? Se os Estrangeiros nós sobrecarregarem com direitos, obremos na mesma linha como elles obrarem, e não seremos taxados de injustos; a injustiça tem diversa significação conforme os Diccionarios Economicos de cada Paiz.

Concordo com o A. que os Negociantes não devem ter privilegios, pois não ha cousa que mais choque os principios de Equidade, que hum Cidadão tenha hum privilegio que ataque os direitos de outro; as mudanças nos governos he preciso que se estendão a todos os ramos, aliàs não são presistentes, mas sim illusorias.

Dá-nos o A. das reflexões idéas novas sobre a palavra *Commerciante*, pondo-a synonima de *Corretor*; nem ao menos lhe lembrou a palavra *Commissarios*, que era bem adequadá ao objecto que escrevia. Mas, quanto mais vivemos mais vamos aprendendo; bom foi adivertirmos, que não confundissemos a palavra *Commercio* com a de *Commerciante*, pois de certo ha entre ellas muita equivocação; as reflexões feitas sobre esta espinhosa proposição, tanto tem humas de verdadeiras, como outras de sofisticas; para verificar o adagio: *nada ha perfeito*; a denominação de *Columnas do Estado*, que ordinariamente se dá á classe dos Negociantes, apropriada pelo Author só aos Estados despoticos, he cousa extraordinaria! Quando elles são, como em Inglaterra, e nos Estados-Unidos, as Colmnas dos Estados Constitucionaes, nestes he que elles respirão, he que se vêm guerras emprehendidas unicamente a defender os seus direitos; sim, nestes he que se mandão Embarcações de guerra ás suas ordens, como ultimamente succede entre

** nós

nós com os Negociantes Inglezes. Diz o nosso A. que hum Estado Constitucional não precisa desta singular Corporação; que inconsequencia!! Ora isto não merece analyse? Queira o A. pela sua bondade estudar a Historia do Commercio, e depois volte, que lhe protesto ha de vir mais amigo delle a querer ser consequente; os Negociantes Portuguezes sempre forão tão pussilanimes em requerer os seus direitos como Cidadãos, quanto mais em exigir privilegios como Corporação; só se o erão o serem conduzidos por hum Meirinho para os carceres a fazer companhia aos mais atrozes criminosos que lá existião.

Eu respeito muito as luzes do A.; mas respeito inda mais as da razão; reuno-me ás suas opiniões quando as acho justas, refugo aquellas que me parecem em perfeita contradicção com a nossa economia de estado; talvez as minhas opiniões não sejão as mais justas; mas ellas mo parecem, e parecerão a muitos.

O A. denomina loucos a todos os escriptores que tem declamado contra o luxo, mesmo o mais desenfreado, e he pena que tão celebres homens tenhão enlouquecido, se não he que o A. se engana; elle sustenta que quem escreve sobre qualquer qualidade de luxo, e ao mesmo tempo aconselha manufacturas e fabricas, está em perfeita contradicção; não lhe acho razão, não poderá haver as ultimas sem a extincção do luxo superfluo? Creio que sim; poder-se-ha dar o epitheto de amante do luxo áquella Nação que fabricar manufacturas para se vestir simplesmente? Que fizer todas as maquinas para o augmento da sua industria?

tria? Que obrar mil diversas cousas necessarias á commodidade da vida? Não, por certo; o luxo, no meu modo de pensar, he o excesso a que chega huma Nação no seu vestuario extravagante; mesa innundada de mil differentes iguarias, e licores exquesitos, em regularidades de passatempos; desmoralisação geral proveniente do excessivo desejo de prehencher precisões fantasticas; tedio a tudo quanto he do seu producto; apêgo a tudo quanto he estrangeiro, só porque tem este pomposo nome, este he o luxo ruinoso que precipita as Nações, e as anniquila, e de que julgo fallão os taes loucos condecorados com este insigne titulo pelo A., que pensa elles tomão por luxo tudo quanto he manufacturas de pura commodidade, como se fosse luxo o proprio vestuario que cada Nação deve manufacturar para seu uso: á Astronomia, e Poesia, Sciencias estas que me não consta fossem notadas por algum Economista, como formando parte do luxo de huma Nação; diz o A. com boa logica, as Nações sahidas do barbarismo, trabalhão, ou para hum fim pernicioso, ou para o luxo; para o primeiro não póde ser, logo he para o segundo, e não admitte meio termo nesta escalla; ou havemos de admitir hum, ou outro; pois eu não admitto nenhum delles; quero hum meio termo adequado ás precisões sociaes, pela razão de que neste he que consiste sempre a melhoria das cousas; os excessos são perniciosos em tudo; muito principalmente em uzos, e costumes populares, e Administração interior de hum Estado.

Hum Missionario mandado por hum estado rico em fabricas a outro estado pobre dellas, não

 po-

podia prégar melhor o amor do luxo, a sua precisão, e inutilidade de fabricas e marinha, do que o A.: e já vejo que tudo acaba com dizer-se = Brasileiros, cavai a terra, arrancai do seu seio açucar, café, algodão, tabaco, &c.; pois virá de Paizes estrangeiros com que vos vestirdes sumptuosamente, e com que deis pasto a todos os vossos desejos!

Nada acho de mais razoavel do que o que diz o A. sobre a igualdade de direitos para os Estrangeiros, ou o que he melhor, he fazermos a favor delles como directamente obrarem a nosso favor, comparando as isenções que nos fizerem com aquellas que lhe devemos fazer; pois não he da igualdade dellas, mas sim do equilibrio, que se fixa o direito de reciprocidade. Em quanto ás Provincias do Reino Unido, a minha opinião seria, que todos os artigos de producto e manufactura de hum Reino, não pagassem nada mutuamente; que a pezar de atravessarem o Occeano, se estabeleça, como principio que he transito de Provincia a Provinca, opinião que o A. segue sendo nós iguaes nella, como somos, em que os direitos Estrangeiros devem ser pagos no Paiz de consumo; he protegendo-se as diversas Partes de hum todo que se augmenta a industria, riqueza, e a força fysica, e moral desse mesmo todo; quer-se dizer, da Nação.

Chama o A. hum bem a *anniquilação* da nossa marinha mercante, e he de parecer a não haja: custa a comprehender em que he fundado este systema destruidor; o seu ficto he applicar quanto dinheiro e braços ha para a lavoura sem reflexio-

flexionar, que assim como a Administração, e equilibrio dos diversos poderes de hum estado fórma a sua solidez, assim a diversa applicação dos homens aos ramos prosperantes de huma Nação, he que promove e afixa sua existencia; huma Nação com proporções maritimas não he cousa a desprezar se nós vemos que aquellas nas quaes gelão os rios, e as suas costas são ferteis em naufragios, assim mesmo trabalhão por augmentar a sua Marinha em lugar de anniquilalla; nós então, a quem a prodiga Natureza proporcionou, e dotou de todas as prorogativas, queremos andar vice-versa dos mais estados, á espera que de futuro as Nações maritimas nos venhão ditar a lei; ellas são bastantes conhecedoras dos seus verdadeiros interesses para os desprezarem, aproveitando os nossos descuidos; não queiramos ser a maravilha da nossa especie, entregando-nos todos aos trabalhos campestres; promovão-se todas as differentes ramificações da grande Arvore nacional, a Agricultura, Commercio, Navegação, Pesca, Manufacturas, e Sciencias; aproveite-se tudo, nada se perca; o tempo e o conhecimento do que nos for sendo mais util decidirá no que devemos mais energicamente seguir; e concluamos todos, que = querer anniquilar no Brazil a Marinha Mercante he delirio; = Pugnar por este principio de destruição he superfluo; pois perde o seu tempo quem tal missão préga, = contrariar estas verdades he do seu precioso tempo ter pura perda.

Diz o A. que o haver fretes baratos nos Navios Estrangeiros faz perder a concurrencia aos Navios Nacionaes; eu concordo com este principio, mas

mas não acho difficultosissimo remediallo: tirem-se aos nossos Navios as grandes despezas de Despachos, a obrigação de levar Capellão, e Cirurgião, hajão Embarcações de guerra para sua defesa, e escusão os Navios metter artilharia, e seus petrechos, e equipagem no dobro, e triplo, faça-se acreditar aos nossos Capitães e Pilotos, que elles são os primeiros marinheiros dos seus Navios, aliviem-se os Navios das Nações que protegerem a entrada nos seus portos dos nossos, carregue-se naquelles que obrarem do modo inverso, e não será como até agora, que hia hum dos nossos Navios, e fazião-lhe a barba a facão; paguemos-lhe na mesma moeda; logo elles se chegaráõ á razão; façamos que os Navios estrangeiros passem pelas mesmas formalidades com que nos fazem passar, e então nessas Nações se discorrerá assim; he melhor sermos todos protegidos mutuamente. Eu nunca quererei mal ao esperto que tira partido do tolo, tal tem sido até agora a conducta praticada com os nossos Navios.

Tire-se o Direito que se paga da compra de qualquer Navio sendo nacional, que se torna pezadissimo pela continuada serie de transacções que he preciso repetidas vezes fazer com o mesmo Navio, afóra estes, ha outros embaraços ainda, que tirados todos facilitaráõ os nossos Navios irem levar os generos aos outros Paizes; e mesmo no principio sendo preciso; arbitre-se pequenas gratificações para promover a navegação. O systema de gratificações no começo de qualquer desenvolvimento util á Nação, he principio que não falha em augmentar aquelle ramo a que ellas se applicão.

Diz

Diz o A. que não ha huma só casa Ingleza que tenha feito fortuna no Brazil, e que muitas tem fallido; ora he preciso ter muito pouco conhecimento dos Negociantes Inglezes desta praça para avançar tão celebre proposição; mostre-me quaes são as casas que tem fallido, e que tem empobrecido, ou não feito fortuna: ao menos eu não as conheço; que elles são os que exportão mais como mostra o A. com o exemplo da casa de Moirs & Companhia, isso he muito natural; qual he o lavrador que colhe mais? o que mais semêa: Qual he a terra que mais produz? a mais cultivada, e que tem rega a tempo, e estrumes precisos; os Inglezes pagão juro em Inglaterra de tres e quatro por cento por anno, e inda menos como mo attesta huma pessoa de muita probidade ali estabelecida, que, escrevendo-me em Agosto deste anno, diz lhe offerecião à 2 por 100 pelos fundos que queria pôr em giro; agora comparemos isto com os nossos 12 por 100 por muito favor, e até 18 e 24 e já sem recorrer a milagres explicaremos todo o manejo dos negociantes Inglezes.

Não posso comprehender que o A. se explique segundo diz no *seu fraco entender*, pois he de quem entende pouco chamar a todos os economistas e moralistas loucos, e miseraveis; antes parece este o tom de hum Juiz sabio e severo, que chama a juizo todos os ditos sabios, e os manda embora sem ouvir a sua defeza depois de obsequiallos com os Epithetos que lhes dá.

Nunca no Brazil houve tanta moeda, como agora, e deixa-se o A. cahir nesta inconsequencia!! Não se lembra ao menos que se passão dias,

me-

mezes e annos, sem que se veja huma peça de 6400 — ou moeda de 4000 em giro activo? não reflexiona, que o juro antigo era cinco por 100 e agora he 12; e como já disse por muito favor; pois ha quem tenha levado e pago 18 e 24! dir-me-ha, e o Banco não dá a 6? dá, sim, aos seus accionistas, que com justiça preferem, e precisão delle; he verdade que infelizmente tem succedido tirar-se dinheiro do Banco a 6 para dallo a 12, mas isto não he culpa do Estabelecimento, mas sim procedido da ordem das cousas, que originão a falta de numerario; e aqui se justifica bem o adagio = casa de pouco pão todos ralhão nenhum tem razão; = seria a desejar que os Directores da Caixa dos Descontos, visto estar o dinheiro tão barato em Inglaterra, e o cambio a favor, mandassem tomar debaixo da Garantia de toda a corporação alguns contos de contos de réis, pois dando a 6 por 100 lucravão muito, e favorecião em geral os Cidadãos das differentes classes, principalmente os Especuladores e grandes Lavradores, e animaria ao estabelecimento de alguns ramos de industria: o que já mais se póde pôr em pratica com a carestia da moeda. Eu offereço a cabeça, se me mostrarem hum Paiz, que tenha manufacturas, e pague o dinheiro tão caro como se paga nesta Cidade; esta verdade he tão palpavel que não admitte replica, como ha de hum dos nossos Cidadãos promover hum estabelecimento de industria, se lhe falta o dinheiro? não póde fazello: se o tem, diz elle, dez contos de réis a hum por cento pelo menos da-me por anno 1:200$000 com que posso com socego passar; para que me hei de metter em barafundas!

Precisamos para ser Nação florecente, de hum systema geral regulativo, adequado a todas as classes, o qual temos direito a esperar do nosso Sabio Congresso; evitar despezas, augmentar rendimentos, ter luxo de commodidade, e não de superfluidade, termos hum Systema de Educação geral, que nos faça grangear amor ao trabalho: pois eu quando andei por algumas povoações deste Continente, o que via era amor ao tabaco para fumallo, a agoa-ardente para bebella, &c.; e os trastes que via em quasi todas as casas campestres era hum banco, huma rede, huma esteira, e huma espingarda; não precisa ir, como diz o Autor, á Costa d'Africa para ver huma Nação desmoralisada sem luxo; entremos pelas nossas Provincias, veremos a desmoralisação chegada ao seu auge, o ocio adorado como Deos tutelar, e huma pobreza quasi geral devida ao mesmo ocio.

Concordo com o A. quando diz, que a Constituição não está em contradicção com a escravatura; que Povo mais livre que os Lacedemonios? Que Povo mais escravo qne os Ilótas que erão seus Escravos e vivião no seu seio? Escravos, e Piratas logo houverão desde que houve a divisão de *meu* e *teu:* Homero he bem antigo, e já fallava destas duas degradações da Especie Humana; os Gregos e Romanos, os dous mais celebres Povos em liberdade os tiverão; e que he o homem em geral condecorado com diversos titulos, que, traduzidos ao pé da letra, querem dizer *Escravo*!! Se ha alguma liberdade apparente he no homem selvagem, mas este mesmo he escravo das suas precisões, e da maioria dos moradores do mesmo arran-

cha-

chamento; a independencia geral he hum ser fantastico; o homem he só independente no tumulo.

Eu aborreço, a pezar disto, a Escravidão tomada em toda a sua extensão; o escravo deve ter o justo direito de mudar de Senhorio, embora algumas vezes abuse delle; deve servir por tempo certo; e este ser mais ou menos graduado pelo seu merecimento; deve receber o castigo do Senhorio como se fosse seu filho adoptitvo, tudo o mais he abusarmos do direito do mais forte; a Escravidão no Brazil não he tão perniciosa debaixo deste nome, como o he pelo resultado da sua côr; esta faz com que se appresente a População dividida em varios bandos, tantos, quaes são as differentes combinações dos individuos que olhão huns para os outros como para inimigos; o que eu lamento, he esta desunião; he a Nação estar sempre repartida em Magotes, e, no meu modo de pensar, o Brazil só será florecente, e grande, quando se prohiba a entrada de escravos, e que as differentes côres que ha pelo decurso do tempo se combinem de modo tal, que fação apparecer hum só resultado, e que digão, *todos somos Irmãos;* e não, *você he negro, você he mulato, vosê he cabra, &c.*

He preciso antes de dar hum corte final á escravatura, dar nova direcção á opinião dos Habitantes, que se não envergonhem dos trabalhos diarios, antes lhe criem amor; substituir huma população á outra; o que se faz abrindo os braços aos Estrangeiros, assegurando-lhes huma perfeita tolerancia dos seus cultos e Propriedades; reprimindo os vadios por meio de huma boa poli-

cia,

cia, fazendo-os entrar para os Trabalhos campestres, rogando aos grandes Proprietarios sejão os Patriarchas dos seus pequenos visinhos; pois, como pessoas bem educadas, de grandes bens e melhores conhecimentos de Agricultura, podem mais que ninguem influir para a sua prosperidade.

O augmento do Brazil, comparado com o dos Estados Unidos, por força ha de ser muito mais lento; a razão he esta; a população he quem decide do augmento de hum Paiz, combinada com a sua sabia Administração; esta póde tê-la já o Brazil, e aquella a póde ter mas pouco a pouco. O Clima dos Estados Unidos he outro, os Emigrados do Norte, chegão ali e encontrão huma latitude analoga á sua, e prosperão; não sentem as infaliveis differenças dos climas, acostumados ao mesmo Sol só mudão de terra e não de clima; pelo contrario vem os Habitantes do Norte povoar o Brazil, encontrão hum clima em tudo differente ao seu, e de necessidade huma grande parte delles perecem; por isso digo a População ha de ser mais tardia, o que não aconteceria se pudesse vir para o Brazil huma emigração de hum Paiz quente; qual he a razão porque o trabalho dos Negros póde ser mais vantajoso no Brazil que nos Estados Unidos? pela identidade de latitude.

Ha outra razão que está ao alcance de todos; os Paizes mais ferteis por Natureza, são aquelles nos quaes ha menos amor ao trabalho; a prodiga Mãi universal por toda a parte aprezenta a Meza aos seus filhos, e a estes se communica o resultado da fartura que he a moleza, não

acontece isto nos Paizes frios, aonde as circunstancias sendo inversas, são inversos os seus resultados, pergunte-se a cada hum de per si o que sente depois de ter saciado bem a fome e a sede? huma languidez se apodera do seu todo, e só ambiciona descanço; pelo contrario nas latitudes mais frias, o resultado he querer por qualquer modo dar nova direcção ás suas forças fortificadas. Querer argumentar com a Natureza he tempo perdido, ella he immutavel.

Tudo quanto o A. diz sobre a Constituição de Hespanha, relativo ao artigo em que exclue de Cidadão todo o individuo, que por qualquer das linhas descenda da costa d'Africa, he tão fundado sobre a razão que já o nosso sabio Congresso reformou esta doutrina; o que não acho exacto he dizer, que a America Hespanhola tem o dobro dos Habitantes da Hespanha; e fundo-me nos viajantes os mais modernos; assim como se o tal artigo fosse a causa dos Americanos Hespanhoes se quererem separar; bem facil seria a elles o pedirem a sua revogação; as causas forão outras, segundo o meu pensar; no principio todos pensavão que a Hespanha ficava sujeita á familia de Bonaparte; e he de crer que tanto os Hespanhoes Americanos, como Europeos, concordassem em fazerem-se independentes; mas á proporção que a bem feita defesa fez julgar a Hespanha livre, entrarão os partidos a dividir-se, e tem proseguido huma serie não interrompida de attentados que tem servido para atrazar aquellas bellas e ricas Provincias, porém talvez não esteja longe o momento, em que se congrassem mutuamente.

Aca-

Acaba o A. por lamentar os Partidarios dos portos fechados aos Estrangeiros, e dos que dizem que he indifferente lucre hum Paiz ou outro, e acaba fingindo-se com zelo Farisaico partidario contra o Brazil, e a favor de Portugal: este estou certo lhe não encommendou o sermão. e quem lho encommendou que lho pague; os verdadeiros Portuguezes de ambos os Mundos bem conhecem que só o direito de reciprocidade he que ata legalmente os nós que ligão hum com outro Paiz, que hum contracto só se cumpre com gosto quando as condições são iguaes: nem o Portuguez Brazileiro, homem de bem, quer sacraficar o seu Irmão Europeo, nem o Portuguez da Europa, de bom raciocinio, quer estorquir do seu Irmão Americano condições indignas contra os seus direitos; sejamos justos, não queiramos medir a totalidade da Nação pela celebre classe muito fertil em projectos, e que são os zangões da Sociedade; se pegarmos na penna, não seja para illudir os Povos, seja para lhes dizer a verdade, mostrando-lhes que tanto direito tem o Portuguez Americano de chamar ao Brazil seu, como tem a chamar ás possessões da Europa, Asia, e Africa, como partes integrantes da Nação; assim como o Portuguez Europeo tanto direito tem a chamar a Portugal seu Paiz, como tem de chamar ás outras Possessões das outras tres partes do Mundo, e pelo mesmo modo o Portuguez Asiatico e Africano; porque a pezar de sermos nascidos neste, ou naquelle territorio da Nação, com tudo individualmente somos huma pequena parte della, que nada mais he do que o ajuntamento universal de todos os Portuguezes.

Eu

Eu sou inimigo declarado do Egoista que quer tudo para Portugal, eu o sou igualmente do que quer tudo para o Brazil; o meu norte he o templo da reciprocidade, porque sinceramente estou convencido que tudo quanto não he fundado neste principio, he peta, he semente de desunião, e he só digno de ser protegido por almas venaes.

A Nação Portugueza será huma grande Nação tendo hum bom governo, como vai a ter; as amostras que temos dado não são de hum Povo que metade crê na vinda de ElRei D. Sebastião, e metade na vinda do Messias (como disse hum historiador Inglez); o que nos falta, e muito precisamos, he hum bom systema de Educação em todo o Imperio Portuguez, he preciso que os Cidadãos de todas as classes tenhão instrucções geraes de ler e escrever para gravarem no seu coração o codigo dos seus direitos, e da moral universal, as maximas de *fazer aos outros o que desejas te façāo, e não faças aos outros o que desejas te não facão*, não são principios de huma só religião particular; mas sim Bases postas no principio da formação do Homem no seu Coração pelo seu Autor as quaes se tem identificado com todas as diversas religiões do Universo; tendo todos os Cidadãos os principios que digo, estão habeis para todos os officios e artes, e o mais a que se dedicarem; a ignorancia he huma das fontes inexhauriveis donde dimanão os males de hum Povo.

Dediquemo-nos á Agricultura como o esteio principal do estado, nunca por mais extensão que se dê a este ramo, haverá excesso; o resultado será termos os fructos mais baratos, e termos os Ci-

Cidadãos apegados ao trabalho, o mais digno principio que deve ser gravado nos seus corações, pois delle nasce o socego da sociedade.

Appliquemo-nos ao Commercio, tanto interior, como exterior, o primeiro fará de necessidade abrir estradas para todos os diversos pontos deste continente, onde até agora o Homem vive isolado, morrendo centenares pelos Certões, que nunca virão a face aos seus Irmãos das Cidades; he melhor que haja muitas pequenas povoações repartidas, que poucas e grandes; pois quanto mais dividido for este grande continente em pequenas povoações, mais ellas prosperaráõ; o que he preciso de necessidade, he marcar as distancias, que o excessivo destas não fação parar as communicações que de necessidade se precisão fomentar; os terrenos perto da Cidade, e principalmente as beiras dos rios, não se devem entregar por sismarias de legoas a hum só proprietario; pois o que succede he ficar sempre inculto, quando o mesmo terreno dividido em pequenas propriedades, estarião humas cultivadas, e outras breves o passarião a ser; o homem naturalmente he amigo de morar ao pé dos Rios, porque estes lhe são de proveito por diverso modo.

O Commercio exterior, principiando pelo de Cabotage, não ha cousa mais necessaria; he por elle que as Provincias dão humas ás outras as suas producções em troca, he por elle que ellas se soccorrem nas suas precisões, principalmente quando estas se fazem gravosas sendo munições de boca, devendo ser livre de todos os direitos a Cabotage de Provincia a Provincia; causa espanto vermos que

que mais facil he receber noticias do Pará, vindas por Lisboa ou Londres, do que vindas em direitura: nas gerações futuras talvez o não o acreditem! nas viagens de longo curso he que se formão marinheiros para munir os Navios de guerra, nellas he que igualmente os Officiaes de Marinha se formão, he por ellas que huma Nação exporta o seu superfluo e vai buscar o seu necessario, já em materias brutas para as suas fabricas, já em artigos diversos para o seu uzo, e para exportar para outros Paizes; com ellas estende a Nação a sua gloria a par do seu Commercio, plantando em fortalezas fluctuantes em todas as partes do universo a sua bandeira.

Não nos devemos descuidar da pescaria, pois assim como a Agricultura he o viveiro dos Soldados para defender a Patria, a Pesca o he dos Marinheiros; nesta pobre, e arriscada profissão he que se aprende a arrostar os mares; tem mais outra vantagem, são mais fecundas as suas mulheres para a População, pois o uzo dos mariscos e peixe está conhecido por incentivo para este fim; não deveria esta classe de Cidadão pagar tributos, não devem, quando vem molhados do Mar, rotas as velas e as redes, achar em terra o enxuto e gordo disimeiro para lhe xupar o seu suor, despojando-os de parte dos frutos do seu trabalho; pezem os tributos sobre o luxo, principalmente o superfluo, e sobre a Importação e Exportação da Nação, e não sobre aquelles Cidadãos que todo o dia estão ao rigor do Sol, e da chuva, arriscando até a sua existencia para promover o sustento dos seus concidadãos, taes quaes o Pescador e o

La-

Lavrador, principalmente os mais pobres destas classes; pois o Lavrador que planta a mandioca, feijão, milho, e outros legumes, deve ter distincção no pagamento dos tributos, do que planta açucar, algodão, café, tabaco &c., pois estes artigos podem soffrer o que não podem aquelles; faz differença a barateza do sustento diario de hum Povo dos outros productos do seu trabalho.

Sobre manufacturas, he preciso para a sua elevação, barateza de moeda para estabelecimento das fabricas, augmento de população, e maquinas que facilitem a sua prosperidade, e propagação; he verdade que em tudo estamos atrazados por ora, mas não se segue daqui que as abandonemos; lembremo-nos que os grandes edificios não são mais do que huma reunião de pedaços de materia; façamos desde já o que podermos segundo as nossas forças, e de futuro se nos irão proporcionando as cousas á medida que forem desappareeendo as causas do nosso actual atrazamento; não se póde chegar a hum fim sem se principiar; seja o nosso preludio aquellas manufacturas de commodidade, e destas mesmas as que não precisarem tanta abundancia de Capitães.

He amando as Sciencias e artes, respeitando as Leis da Hospitalidade, grangeando amor ao trabalho, identificando-nos com o nosso codigo de liberdade, e estabelecendo hum sabio sytema de Educação que nos faremos dignos dos elogios das gerações futuras.

FIM.